

AS TAMBOLADEIRAS PAULISTAS DO SÉCULO XVII

*Eduardo Etzel**

As tamboladeiras, peças de prata arroladas nos inventários paulistas do século XVII e começo do XVIII têm sido uma incógnita quanto à sua forma e utilidade.

Delas sabe-se apenas a existência, já que nos Inventários e Testamentos daqueles séculos nada se encontra que possa indicar sua serventia. Apenas a lacônica presença com seu peso e valor. Este desconhecimento chegou também aos dicionários, cujos autores não encontraram a solução para o enigma, ignorando a palavra ou dando definições que não chegam a convencer. Aumenta o mistério o fato de nenhuma tamboladeira (tambuladeira, tembladeira) ter chegado até nossas coleções de prata colonial, o que as tornou peças desconhecidas no Brasil.

Assim, conformei-me com a ignorância guardando uma certa frustração pela incapacidade de saber o que eram essas tão mencionadas tamboladeiras dos inventários paulistas.

Visitando os museus de Assunção, Paraguai, deparei num deles com duas "tembladeras" de prata (fig. 1), as primeiras que vi, o que reavivou minha antiga curiosidade. Mas foi o colecionador Roberto Lemos Monteiro, interessado de longa data no assunto, que me deu as poucas indicações bibliográficas existentes e que me mostrou a talvez única tamboladeira existente no Brasil. Lancei-me assim à pesquisa, agora com elementos que podem esclarecer melhor o tema.

Belmonte (Benedito Bastos Barreto)¹ na década de 30 foi o primeiro a tentar resolver o problema afirmando: "creio não haver mais sombra de dúvida

* Conselheiro do Museu de Arte Sacra de São Paulo e do Museu da Casa Brasileira.

¹ BELMONTE. *No tempo dos Bandeirantes*. Ed. Melhoramentos, 4ª ed. São Paulo, s/d, 221 a 225.

sobre a identificação da tamboladeira não só a respeito de sua iconografia como de sua etimologia". Câmara Cascudo em artigo de jornal publicado em 1957² volta ao assunto acrescentando alguns dados novos aos reunidos por Belmonte. Já Reinaldo dos Santos e Irene Quilhó³, num estudo das coleções de ourivesaria portuguesa definem e mostram as tamboladeiras dos séculos coloniais de Portugal. São estas as três fontes de informação sobre estes enigmáticos objetos de prata seiscentista.

Tudo estaria solucionado, como aparentemente o foi, se ficássemos apenas com o nome *tamboladeira*. Belmonte com argúcia esclareceu realmente a origem da palavra. Mas não viu nenhuma tamboladeira e pelo significado do nome ligado às peças européias criou com sua arte do desenho as tamboladeiras paulistas que imaginou. Fez sem dúvida uma brilhante dissertação, mas a meu ver não desvendou o enigma do significado, forma e utilidade dessas peças. Esta a razão que me leva agora a voltar ao assunto.

Vejamos como se apresenta no momento o problema das tamboladeiras. Primeiro os dicionários:

Os antigos não esclarecem a questão. Encontrei apenas uma definição bastante elucidativa no "Diccionario Etimologico de la Lengua Castellhana. Precedido de unos rudimentos de etimologia"⁴ onde se lê: *TEMBLADERA* — vaso de metal: de temblar, porque siendo hoja muy delgada parece que tembla. Puigblanch cree que hay cambio de *p* en *b* y que es *templadera*, de templar, porque se llena de agua para templar el vino".

Entretanto as tamboladeiras que examinei não têm o metal assim tão fino que as faça tremer, ao contrário, são bem fortes e rígidas.

Caldas Aulete assim define a tamboladeira:

"disco de prata com a borda e o centro relevados com que se avalia a grossura do vinho: (Prov.) utensílio de prata ou louça para se apreciar a cor ou o cheiro do vinho". Uma destas peças pode ser vista no livro de Reinaldo dos Santos com o nome de "prova vinhos", do século XVIII, mas que "provinham de tempos remotos na forma de pequenas taças com as duas asas"⁵. São entretanto diferentes das tamboladeiras de duas asas (figs. 1 e 2); o que as aproxima é o relacionamento com o vinho, seja para testá-los, seja para bebê-lo.

Poderia, como Belmonte, considerar esta definição "errada", tão diferente é das demais tamboladeiras, o que seria simples demais. Poderia, isto sim, ser

² CASCUDO, Luiz Câmara. "Tamboladeiras". *O Estado de São Paulo*. 27.10.1957.

³ SANTOS, Reinaldo. QUILHÓ, Irene. *Ourivesaria Portuguesa*. Nas coleções particulares. Lisboa, 1974, 2ª ed., p. 21.

⁴ Buenos Aires, Livr. "El Ateneo", 1941.

⁵ SANTOS, Reinaldo. QUILHÓ, Irene. ob. cit., p. 162.

outro objeto com finalidade diferente e com o mesmo nome. Ficaria então em mais uma conjectura não fosse uma coincidência possivelmente esclarecedora. Vi num programa de TV um "mestre de vinhos" que, ensinando a arte, experimentava o *bouquet* e o sabor de um vinho tinto numa "tamboladeira", um pequeno objeto de metal como uma tigela rasa de fundo plano. É um fato surpreendente que, buscando o significado de peças de 400 anos atrás, tenha deparado com uma em uso hoje em dia.

A entrevista que fiz com o "mestre de vinhos" Alberico René Duglio Castro foi do maior interesse. Através dela estabeleci uma ligação entre as tamboladeiras do século XVII, peças mortas na incógnita do passado com a tamboladeira viva e atuante deste século XX, provando assim, com a atuação do homem de hoje aquilo que pouco antes não passava de um resíduo, um objeto divorciado da atividade daqueles que o haviam criado e usado. Meu entrevistado é um profissional de hotelaria e fez um curso de um ano em Paris, tornando-se lá um "mestre de vinhos". Fiquei sabendo que o nome "tamboladeira" mencionado foi a tradução de *tâte vin* que ouviu aqui de um outro profissional durante um curso sobre vinhos portugueses. Este objeto para testar o vinho é largamente usado em toda a Europa entre os provadores de vinho tanto no comércio como nos restaurantes de luxo, onde o *summelier* o leva pendente por uma corrente no pescoço. Diante do cliente prova os vinhos de qualidade e alto preço, garantindo assim suas perfeitas condições. Este *tâte vin* é o semelhante dos "prova vinhos" do século XVIII (fig. 3) e tem a mesma finalidade. Com este fato contemporâneo estabelece-se a ligação com um passado longínquo de 4 séculos ao mesmo tempo que se verifica que na Europa, terra tradicional do vinho, o costume persistiu, ao passo que no Brasil, onde a indústria de vinhos só veio a se estabelecer no século XX, o uso da tamboladeira para provar o vinho não se difundiu nem no passado nem no presente.

Portanto a *tâte vin* foi definida por Caldas Aulete com toda propriedade. Hoje ela é mais sofisticada, mas na essência é a mesma dos séculos passados. Na fig. 4 vê-se a peça atual, uma espécie de taça de uma asa com uma depressão para se apoiar o polegar e segurá-la com firmeza. Seu fundo não é plano, pois assemelha-se ao fundo de uma garrafa com a elevação no centro e os bordos mais baixos. Pode-se ver ainda outras saliências e depressões, todas com finalidades determinadas: a de se avaliar com precisão o vinho quando ele é agitado. A saliência do centro é para verificar a claridade do vinho; os pequenos botões ao redor do centro indicam a idade do vinho; as depressões maiores de um lado mostram os resíduos ou borra e do outro lado as saliências curvas permitem avaliar o corpo do vinho. Agitando-se a tamboladeira o vinho exala o *bouquet* (o tinto) e o perfume (o branco). Finalmente a degustação bebendo-se o conteúdo. Nas tamboladeiras coloniais, lisas, havia apenas a elevação no fundo (prova vinhos).

A *tâte vin* pode ser de prata, como são certamente as usadas pelo *summelier*, ou de metal prateado. É sempre de material rígido, sem a possibilidade de "tremmer" como se argumentava na definição citada atrás. Assim, pela sua estrutura, a tamboladeira não tremia.

Veremos adiante como toda a argumentação etimológica de Belmonte gira em torno do significado "cambalear" ligado à forma do objeto. Entretanto, conhecendo agora a função dessa tamboladeira moderna, vejo que se algo tem que tremer e agitar-se é, não a tamboladeira, mas o próprio vinho. Com o movimento circular ou transversal o vinho desloca-se e adere às paredes da tamboladeira com ondas sucessivas que dão ao técnico a possibilidade de estabelecer sua qualidade. Fica assim para mim clara a raiz do famoso "temblar" que seria o tremer do vinho para sua avaliação. Por isto é que em espanhol e mesmo nos Inventários o nome é *tembladera*, de *temblar*, tremer, nada tendo a ver com o espanhol "cambalear", *cambalear*, que tanto impressionou Belmonte, como se verá logo adiante.

Veremos também que esta tamboladeira (*tâte vin*) não é a nossa tamboladeira do século XVII. Aqui ela não testou vinhos e tornou-se objeto peculiar e adaptado aos usos e costumes dos bandeirantes com seu viver próprio dissociado do comércio de vinhos e da fartura e riqueza da Metrópole.

Registre-se esta notícia da maior importância à qual voltaremos no desenrolar da pesquisa.

Belmonte também recorreu aos dicionários: para ele Cândido de Figueiredo e Caldas Aulete deram informações "erradas" enquanto os demais — Bluteau, Viterbo, Frei Domingos e Morais — "prudentemente fecharam-se em copas"⁶, daí o ter escolhido o caminho da História, onde encontrou o fio da meada.

Tudo começa no tempo dos gregos, nos séculos IV e III antes de Cristo, com os copos chamados *riton* ⁷ ("*rython*) vaso grego em forma de chifre servindo para beber. Por vezes a parte inferior toma o feitiço de cabeça de um animal e é decorada e pintada". Na mesma época havia as "taças helênicas" que Santos e Quilhó ⁸ reproduzem e que são do mesmo gênero dos "prova vinhos" com duas asas e o fundo abaulado "onde os gregos bebiam vinho doce".

Este princípio teve continuidade através dos séculos, já que o celebrar com o "nectar dos deuses" é costume perene na sociedade humana. Mas é de se notar que este *riton* sem base para descanso, na forma de um corno, tinha que ser esvaziado possivelmente de pronto, costume ainda hoje existente em certas sociedades européias. No norte da Europa, sobretudo nos climas muito frios é hábito repetirem-se os brindes com o esvaziamento num gole das bebidas fortes como a *acqua vitae* e o vodka.

⁶ BELMONTE, ob. cit., p. 222.

⁷ LEAL, Regina M. Dicionário de Belas Artes. Ed. Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1ª ed., p. 441.

⁸ SANTOS, Reinaldo. QUILHÓ, Irene, ob. cit., p. 146, fig. 185.

Na famosa coleção Cinzano de vidros viu-se (fig. 5) uma trompa *rython* em vidro do século I, cuja legenda diz⁹: "Entre os primeiros Rhyta havia exemplares em prata do período Achaemenid Persa. Os gregos fizeram estes vasos em metal precioso e olaria, mas os romanos foram os primeiros a fazer trompas de vidro." (fig. 5).

Sempre presente nas celebrações sociais, o vinho e as águas fortes foram sendo bebidos e com eles o costume dos recipientes que obrigavam a um consumo total do seu conteúdo. Ainda não havia o requinte da taça de champanhe com seu pé para uma celebração tranqüila como competia a uma sociedade sofisticada e sedentária dos séculos mais recentes. A rudeza e a alacridade presidiam as libações alcoólicas dos antigos.

Esta a meu ver a possível evolução do *rython* dos gregos.

Paralelamente a este conhecimento, surgiram a partir de Belmonte as explicações do significado e da utilidade das tamboladeiras. Não se conhecem ainda inventários do século XVII, a não ser os de São Paulo, assim o assunto fica restrito aos bandeirantes e em torno deles vamos buscando esclarecimentos sobre as tamboladeiras.

Revendo os 41 volumes dos Inventários e Testamentos paulistas encontrei, entre os 544 inventários transcritos, 96 (17,6%) com menção a tamboladeiras, estas em número de 181 peças todas de prata. A primeira aparece num inventário de 1616 e a última noutro de 1729. Pode-se assim dizer que são comprovadamente peças do século XVII e do início do XVIII.

Estas citações dos 96 inventários podem ser assim discriminadas: 53 vezes uma única peça; 23 vezes 2 peças; 11 vezes, 3; 2 vezes 4; 3 vezes, 5 peças; 2 vezes 6 e finalmente no inventário de Ana Alvarenga, em 1648, e no de Domingos da Silva Bueno, em 1681, 7 tamboladeiras. Foram geralmente 1 ou 2 em 76 inventários (79,1%); 3 em 11 (11,4%) e excepcionalmente em número de 4 a 7 (9, 3%). Creio que foram objetos pouco freqüentes (17,6%) cujo uso teria sido para celebrações com o vinho como também para tisanas aos doentes, como afirma Reinaldo dos Santos.

As tamboladeiras sendo de prata estiveram presentes nos inventários, geralmente ricos, de defuntos que deixaram bens móveis de uso doméstico a serem divididos. Mas ao que parece seu número foi proporcional à riqueza. Os dois inventários com 7 tamboladeiras foram de ricos espólios, um de 1:022\$790 Rs e outro de 4:340\$000 Rs.

O tamanho das tamboladeiras também variou das pequenas e leves às grandes e pesadas. As mais comuns e grandes, entre 200 e 400 gr, a maior pesando 432 gr. As médias entre 90 e 150 gr e as pequenas geralmente com 40 a 50 gr, chegando

⁹ *Arte Hoje*. "Os Copos como Espelho Social". Ano 1, nº 2, março 1979, pp. 44 a 46.

uma, de 1669, a 28,6 gr, uma onça apenas e em 1729 outra menor ainda, só 7 oitavas, 24,5 gr.¹⁰

Belmonte, baseado na etimologia e analogia do título tamboladeira chega à conclusão de que a tamboladeira era um vaso de fundo redondo usado pelos bebedores de vinho, que por não ter fundo plano tinha que ser esvaziado todo de uma vez ou que ser seguro até o fim da libação. Chegou a esta conclusão ao estudar o significado da palavra inglesa *tumbler*, “um vasilhame usado pelos bebedores ingleses que caracterizava-se pelo fato de não ter pés”. Continua Belmonte: “Isso veio logo ao encontro do que eu andava desconfiado com o verbo espanhol “*tamblear*”. Se *tumbler* não para em pé por ter fundo cônico ou arredondado e se o verbo *tamblear* quer dizer *cambaleiar*, *mover-se de um lado para outro procurando equilíbrio*, é evidente que a *tamboladeira* é exatamente uma *tambaleadeira*, isto é, uma coisa que *cambaleia*. E isto se afirma com maior solidez sabendo-se que *to tumble* em inglês significa *tombar* e que a *tumbler*, posta sobre a mesa desequilibra-se, *cambaleia* e cai. Daí a razão de ser a *tamboladeira* posta sobre a mesa com a boca para baixo”. Esta argumentação sobre o *Tumbler* inglês encontra, ainda segundo Belmonte, correspondente no alemão *tummler* e *handtummler*, com a mesma descrição do significado inglês, *cambaleiar*, e ter que ser esvaziado inteiramente. E acrescenta: “É indiscutível, como se vê, a origem da *tamboladeira* na sua ancestral britânica *tumbler* ou na germânica *tummler*, ambas coincidindo perfeitamente com o verbo *tamblear*”.¹¹

Mas Belmonte esqueceu-se do verbo espanhol *TEMBLAR* que quer dizer *tremer*, e também que a *tamboladeira* é conhecida em espanhol como *tembladera*; além de que nos inventários de 1616 e 1619 as primeiras mencionadas foram chamadas *tembladeras*. Para mim, apelar para o verbo *tambaleiar* é forçar a explicação para associá-las às *tumblers* inglesas.

Câmara Cascudo em seu artigo do *O Estado* adota a argumentação de Belmonte e acrescenta outras informações. Diz que “no Portugal velho as bodas eram denominadas *Tambo* e também *Tamo*, que Viterbo faz provir de *tálamo* porque *Tambo* era ainda o leito dos casados. A madrinha dos noivos era a *Tambeira*” (...) “Não virá a *tamboladeira* portuguesa desta festa de *Tambo* onde seria peça típica nas saudações beberronas intermináveis e alacres?”.

¹⁰ Os objetos de prata foram sempre avaliados pelo seu peso em onças e oitavas. A onça pesa 28,6 gr e a oitava 3,5 gr. Belmonte na pág. 43 (ob. cit.) menciona *tamboladeiras* de 4 inventários cujo peso em onças transportado para gramas está errado. Cita peças entre 575 e 850 gr, quando na realidade são de 328,3 gr a 486 gr. Posteriormente Câmara Cascudo (ob. cit.) cita estas mesmas cifras e incide no mesmo engano. Nos séculos coloniais não se utilizou a onça *troy* (31,10 gr) adotada depois na pesagem de ouro e prata.

¹¹ Em dicionários alemães *Tummler* significa golfinho ao passo que o verbo *Tümmeln* quer dizer *caracolar*, *mover-se*. A expressão *Taumeln* (usada por Câmara Cascudo) significa *cambaleiar*.

Reinaldo dos Santos¹² define as tamboladeiras: “Uma forma muito reproduzida no século XVII é a “taça de duas asas” que teve em Portugal uma proliferação especial. Os exemplares que nos restam são essencialmente do século XVII prolongando-se até o XVIII, mas já existiam entre nós desde tempos remotos; sua origem é helenística e os gregos usavam-nas para tomar vinho doce. Alguns modelos designavam-se por *Loving cups*, na Inglaterra, taças de amor ou de amizade, para brindar. Entre outros destinos serviam para tisanas ou para caldos quentes aos doentes, e as maiores circulavam nas mãos de amigos ou da família para saudações (*loving cups*) ou somente para beberem em conjunto”.

Introduz assim um novo elementó, os *loving cups* dos ingleses, recipiente de uso comunitário na celebração de momentos afetivos, uma espécie de taça cerimonial para eventos especiais de um convívio social. Aventa mais a possibilidade do seu uso para dar caldos e tisanas aos enfermos, também um laço emocional no cuidar do doente. Neste caso o especialista português baseia-se nas próprias tamboladeiras que chama de taças de duas asas, que encontrou nas coleções de ourivesaria que estuda em seu livro.

Todas as interpretações do significado das nossas tamboladeiras são baseadas nas lacônicas relações dos inventários e no relacionamento histórico e etimológico com os utensílios de beber da Europa. Ninguém viu nem cita uma peça que tenha chegado às suas mãos. Belmonte criou com seus magníficos desenhos alguns tipos que deduziu do que veio a conhecer da literatura tirando assim suas conclusões para ele “sem sombras de dúvida”.

Como disse anteriormente vi no Paraguai duas tamboladeiras às quais se pode acrescentar as várias reproduções do livro de Reinaldo dos Santos e Irene Quilhó e uma outra tamboladeira adquirida no Brasil (figs. 1 e 2). São todas peças atribuídas aos séculos XVI, XVII e começo do XVIII. Todas do mesmo formato, com duas asas e de tamanho que se poderia chamar de médio para grande. Nenhuma com fundo redondo que as fizesse “cambalar” obrigando a que seu conteúdo fosse bebido de uma vez sem possibilidade de colocá-la sobre a mesa.

Desse fato concreto surgem várias interrogações. Se as tamboladeiras das escolhidas e riquíssimas coleções portuguesas são assim feitas, como referido, não seriam aquelas dos inventários paulistas também feitas para descansar sobre a mesa? Por que teriam que ser como os *tumbler* ingleses ou os *taumeln* alemães? Se as tamboladeiras conhecidas são todas com fundo plano e estáveis não seria lógico que as nossas também o fossem? Afinal aqui havia só portugueses e não ingleses ou alemães e no século XVII a influência inglesa ainda não tinha dominado Portugal e suas colônias como aconteceu no início do século XVIII.

Creio que não há mesmo dúvida sobre a finalidade das tamboladeiras, servir bebidas mas também água, pois nos inventários são raríssimos os copos, não mais de uma dúzia segundo Alcântara Machado.¹³

¹² SANTOS, Reinaldo. QUILHÓ, Irene. ob. cit., p. 21.

¹³ MACHADO, Alcântara. *Vida e Morte do Bandeirante*. Livr. Martins ed. São Paulo, 1953, p. 78.

Por outro lado, há uma distinção entre tamboladeira, coco e cuia. É o que documenta o inventário de Lucrecia Leme, de 1706, onde se lê ¹⁴ “Declaro que possuo vinte colheres, um coco, uma cuia, uma tamboladeira pequena, tudo de prata”. Noutro inventário, de 1650, (Domingos Nunes Bicudo) há distinção entre duas tamboladeiras mencionadas e “hu coco de pratta q’ pezou quinze pattaquas acunhados” (144,9 gr). ¹⁵ Já em inventário de 1669 há 4 tamboladeiras e um “coco aberto ao buril com o bocal de prata e seu pé”. ¹⁶

Ora, se o coco, que tem o fundo redondo tinha “seu pé”, por que as tamboladeiras teriam que ser de fundo redondo como os *tumbler* ingleses e ao contrário das tamboladeiras portuguesas e espanholas conhecidas?

Sempre recorrendo aos Testamentos e Inventários coligi alguns dados quanto ao peso das tamboladeiras. Neste sentido as medidas coloniais de peso: onça (28,6 gr), oitava (3,5 gr) e pataca (9,6 gr) foram reduzidas a gramas. A primeira verificação é que o peso das tamboladeiras difere de umas para as outras, raramente coincidindo como no inventário de Domingos da Silva de 1681 onde havia 7 peças sendo 2 com 286 gr cada; 1 com 138 gr; 2 com 90,5 gr e outras duas com 57,2 gr cada. ¹⁷ Já no inventário de Lourenço Castanho Taques ¹⁸ as 5 tamboladeiras diferem no peso: 343 gr, 297 gr, 276 gr, 86 gr e 50 gr. Outro exemplo está no inventário de Bento Pires Ribeiro ¹⁹ com 4 tamboladeiras cujos pesos são 114,4 gr, 85 gr, 35 gr e 28,6 gr, aqui das menores que encontrei.

Creio que as mais comuns eram pequenas, como no inventário de Francisco Ribeiro de Moraes ²⁰ com 5 tamboladeiras cujo peso oscilou de 39 a 78 gr. Em inventário de 1729 cita-se uma tamboladeira grande que com uma salva pesou 994 gr ²¹. Verifiquei que o peso médio de uma salva de prata foi de 562 gr, assim, esta tamboladeira de 432 gr está dentro dos limites usuais que não ultrapassam as 500 gr.

O que se pode concluir desta variação do tamanho e peso das tamboladeiras é que elas foram produto de um trabalho artesanal dos ourives de prata da época, lâminas de prata batida com uma produção esporádica e por isto mesmo quase totalmente desigual no seu peso e tamanho. As poucas coincidências de peso teriam sido de encomenda e feitura simultânea.

¹⁴ *Inventários e Testamentos*: Arq. do Est. de S. Paulo, vol. 25, p. 215.

¹⁵ *Idem* vol. 41, p. 194.

¹⁶ *Idem*, vol. 17, pp. 227-228.

¹⁷ *Idem*, vol. 21, pp. 264-265.

¹⁸ *Idem*, vol. 18, p. 95.

¹⁹ *Idem*, vol. 17, pp. 227-228.

²⁰ *Idem*, vol. 16, p. 485.

²¹ *Idem*, vol. 24, p. 348.

Outro aspecto que pede esclarecimento é o tamanho dessas peças. Se pesavam 24,5 gr, 28,6 gr, 35 gr, 42,9 gr e 50 gr teriam que ser peças muito pequenas mesmo com uma chapa de prata fina, pois haveria sempre um limite de espessura do metal para a estabilidade do objeto. Compare-se o peso da tamboladeira de 24,5 gr, 28,6 gr, 35 gr e 42,9 gr com a coroa da fig 6 que pesa 47 gr e pode-se fazer uma idéia do tamanho efetivo destas pequenas tamboladeiras. Estas peças pequenas não são exceção e sim bastante freqüentes quando as tamboladeiras são em maior número ou mesmo únicas nos inventários.

Qual o significado dessa diferença de tamanho? Acreditando-se que elas serviam para um rito de brinde com vinho seriam as pequenas para vinhos licorosos, como os nossos cálices? Ou seriam elas usadas segundo o tamanho para homens, mulheres e crianças? E quando únicas e pequenas para que serviriam?

Outro aspecto a ser registrado: os copos são raríssimos nos inventários, ao contrário das tamboladeiras. Não seriam estes utensílios usados para dessedentar visitas e viandantes além das reuniões com saudações com vinho? Quanto à sugestão de Reinaldo dos Santos de servirem para caldo aos doentes teriam elas que ser do modelo com asas, pois de outra forma não seria possível segurá-las com líquido quente dentro.

Parece certo que as nossas tamboladeiras não tiveram asas, pois se as tivessem seriam mencionadas, como ocorreu três vezes. Este fato parece indicar a modéstia destes objetos, simples copos de prata lisa para bebidas frias ficando o requinte não tanto na forma (asas ou gomos), mas no simples fato de serem numerosas nas casas abastadas e feitas de prata, metal precioso e raro, muito estimado na ostentação dos antigos por causa da abundância que havia entre os invejados vizinhos castelhanos.

Assinalei o inventário em que foram pesadas a tamboladeira e a salva juntamente²². A redação da avaliação diz: "Uma tamboladeira grande de prata com salva do mesmo (metal) que tudo pesou duzentas e quatro oitavas" (994 gr). Seria um conjunto, como acontece com os de gomil e bacia? Tudo indica que sim, pois em Santos e Quilhó²³ vê-se uma taça de duas asas (tamboladeira) grande com a salva do mesmo estilo, com gomos, do final de XVII, ao passo que no nosso caso o inventário é de 1729.

Também quero registrar que não se encontram terrinas nos inventários, somente pratos. As tamboladeiras grandes poderiam ter sido usadas como tal, sendo tardiamente substituídas pelas de louça, uso muito mais lógico do que o de servirem para uma libação comunitária em celebração, como as *loving cups* e os *tumblers* ingleses. Afinal não nos esqueçamos da vida simples e espartana de nossos ancestrais do século XVII e também da capacidade de líquido de uma tamboladeira grande como ocorre com a da fig. 2 de 1200 cc.

²² Idem,

²³ SANTOS, Reinaldo, QUILHÓ, Irene. ob. cit., p. 93, fig. 101.

Um último argumento baseado nos inventários: a primeira tamboladeira mencionada foi no inventário de Francisco de Almeida, em 1616²⁴ ao passo que o primeiro objeto de prata mencionado foi citado em 1599, um dedal²⁵.

Esta tamboladeira de 1616 foi seguida de outra somente três anos depois, em 1619. Mas o detalhe curioso é que estas duas primeiras tamboladeiras tinham asas: "1 tembladeira de prata com azas em mil e duzentos reis" e outra em 1619 no inventário de Isabel Sobrinha: "1 tembladeira de prata de duas azas"²⁶. Depois, somente em 1642 aparece "Hua tambolladera de prata grande com sua aza" pesando 12 patacas (115,9 gr).²⁷

Acredito que a 2ª tamboladeira de 1619 veio de Portugal porque na mesma relação consta "1 cadeia de ouro que está marcada com um fuzil (contraste do ourives) a donde está um fio azul com a marca real". Ainda nesta relação há "1 taça de pé alto lavrada e dourada"²⁸. São duas peças que não mais aparecem nos inventários, presumindo eu sua origem da Metrópole como também a tamboladeira de duas asas, como aliás são as reproduzidas por Reinaldo dos Santos.

Concluo que as primeiras tamboladeiras paulistas são portuguesas e iguais às aqui reproduzidas, com fundo plano portanto. A partir dessa época as tamboladeiras foram feitas pelos nossos ourives de prata, aqui presentes desde 1598 como se vê no inventário de Isabel Felix quando aparece "Miguel Vaz Lobo ourives de prata" comprando peças (escravos).

A moda das tamboladeiras logo se generalizou com os cabedais que iam crescendo. Antes de 1616 é evidente a pobreza do povo com bens móveis ligados à subsistência, predominando o estanho (1599 — uma taça de estanho; 1605 — uma "tijela" de estanho)²⁹, latão, cobre, ferramentas e animais. A tamboladeira, objeto de certo padrão econômico, foi crescendo em número segundo a riqueza da época.

É para mim evidente que sendo as primeiras com suas asas e fundo plano as seguintes simplificadas e de tamanhos vários foram também de fundo plano, nada tendo que ver nem com os *tumblers* nem com os costumes ingleses ou alemães. Aqui foi tudo primitivo e com uma pobreza que foi cedendo aos poucos, estabelecendo assim usos e costumes estáticos e modestos onde a tamboladeira foi o único objeto próprio para conter líquidos.

Não vejo como partindo da tamboladeira com asas e fundo plano a evolução fosse para o objeto de fundo redondo. Não há lógica nesta possibilidade.

²⁴ *Inventários e Testamentos*. Vol. 5, p. 135.

²⁵ *Idem*, vol. 1, p. 293.

²⁶ *Idem*, vol. 5, p. 280.

²⁷ *Idem*, vol. 28, p. 234.

²⁸ *Idem*, vol. 5, p. 280.

²⁹ *Idem*, vol. 1, pp. 189 e 404.

Belmonte criou com sua arte as tamboladeiras como cuias de fundo redondo, embora já tenhamos visto como as cuias tinham "seu pé". Baseou-se em costumes europeus de uma civilização que estava longe e completamente estranha aos nossos rudes bandeirantes que aqui lutavam para sobreviver em penúria e incertezas.

Por último volto aqui às tamboladeiras ou "prova de vinhos" ou ainda *tâte vin* dos franceses. No Portugal antigo foram um dos tipos de tamboladeiras usadas para testar o vinho, um objeto de uso comum num país grande produtor de vinhos. Foi uma variedade específica de tamboladeira, cuja origem comum perde-se entre os gregos antes de Cristo. Este tipo específico para provar vinhos derivou para o uso social de tomar vinho em taças de duas asas. Para o Brasil vieram estas últimas, pois o prova vinhos não teve utilidade numa colônia onde a produção eventual de vinho foi esporádica e que tudo recebia de Portugal. Para cá vieram na bagagem dos primeiros povoadores as taças de duas asas, as tembladeiras, que aqui se aclimataram adaptando-se aos usos e costumes dos bandeirantes, perdendo as asas como acabamos de ver.

Creio poder concluir que as tamboladeiras foram utensílios de vários tamanhos, geralmente desiguais entre si, próprias para conter líquidos, provavelmente vinho e tisanas e usadas habitualmente como continente para substâncias variadas segundo seu tamanho (24,5 gr a 432 gr). Acho pouco provável que servissem para libações comunitárias e desapareceram quando perderam sua utilidade, substituídas com vantagens pelas louças importadas. Esta possibilidade tem apoio nos inventários anteriores a 1616 onde se avaliam bacinicas (bacias pequenas) de latão³⁰ (1599), possíveis predecessoras das tamboladeiras nos inventários pobres do fim do século XVI e início do XVII. Mais tarde, já em 1642 cita-se³¹ "Húa tizella de llousa grande" e no mesmo inventário duas tamboladeiras uma grande com 115 gr e uma pequena com 28,9 gr.

Chamou também minha atenção um rico inventário (monte - 2:354\$900 Rs) de 1659 transcrito em São Paulo a pedido da viúva de Raposo Tavares falecido na cidade de Ribeirão Grande na ilha de Santiago do Cabo Verde onde residia³². Na relação dos bens cita-se uma "tijela de prata" e nenhuma tamboladeira embora houvesse 10.194 gr de prata avaliada. Para mim trata-se de objeto que no Brasil seria chamado tamboladeira e que com o nome "tijela" os avaliadores das Ilhas qualificaram seu uso como o das antigas tigelas de estanho já mencionadas.

As tamboladeiras como foram agora descritas representam para mim um fenômeno local de raízes metropolitanas segundo os usos e costumes dos bandeirantes dos anos seiscentos.

Resta-nos cogitar da evolução das tamboladeiras na seqüência do século XVIII como também da causa do seu total desaparecimento que não permitiu que chegassem até nossos dias.

³⁰ Idem. vol. 1, p. 189.

³¹ Idem, vol. 28, p. 234.

³² Idem, vol. 16, p. 135.

Aventa Roberto Lemos Monteiro³³ a hipótese de que as tamboladeiras desaparecendo sua utilidade pela evolução e progresso dos paulistas acontecidos com o fluxo do ouro do século XVIII sofreram uma transformação. Tornaram-se as farinheiras do XVIII e do XIX. Afinal, pelo que se conhece das tamboladeiras aqui reproduzidas suprimindo-se as asas, são como as farinheiras desses séculos, peças de luxo para as mesas fartas que chegaram a ser feitas até de ouro (fig. 6). O mesmo colecionador também acredita que nas nossas guampas de chifre enfeitadas de prata ou mesmo toda de prata com sua longa corrente (fig. 7) está uma revivescência arcaica do antigo *rython* dos gregos.

Tais sugestões são bastante prováveis; no primeiro caso uma pura seqüência dos usos e costumes na dependência da evolução sócio-econômica do Brasil colonial e imperial. No segundo caso, a necessidade diante do ciclo pastoril e das longas marchas a cavalo, daí a revivescência e utilidade de antigos objetos como os cornos de beber.

Restaria ainda especular sobre o total desaparecimento das tamboladeiras que, não fossem os Inventários, passariam despercebidas na seqüência da História. Acredito que caindo em desuso ficaram esquecidas e na sucessão de gerações sua prata, como sucata, veio a ser fundida e trabalhada pelos inúmeros ourives na criação de novos objetos de uso contemporâneo, como sugere o que se avalia num inventário de 1710: "6 libras (2.751 gr) de prata velha que a viúva gastou que foi avaliado conforme a lei do reino a cinco mil e seiscentos o marco (229,5 gr) e faz somma de sessenta e sete mil e duzentos reis"³⁴

Com estas considerações parece-me que o assunto — tamboladeiras — está bastante esclarecido, mas certamente à espera de novas contribuições que poderão chegar com as revelações dos inventários de outros pontos do Brasil do seiscentos, a serem descobertos.

³³ Roberto Lemos Monteiro colecionador em São Paulo, SP. Comunicação verbal.

³⁴ Idem, vol. 25, p. 240.

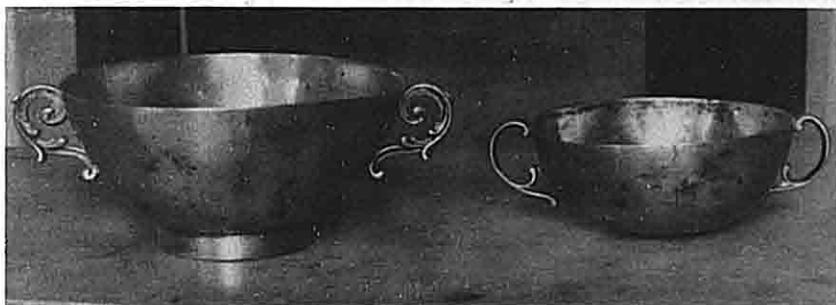


Fig. 1. Tamboladeiras, prata repuxada e fundida nas asas. Séc. XVII, s/contr. A maior, mais recente pela presença da base. Medidas: à direita – 14,5 cm de diâmetro; 7 cm de altura e 270 gr de peso. À esquerda: 11 cm de diâmetro; 5 cm de altura e 211 gr de peso. (Museu da Casa da Independência, Assunção, Paraguai). Foto do A.

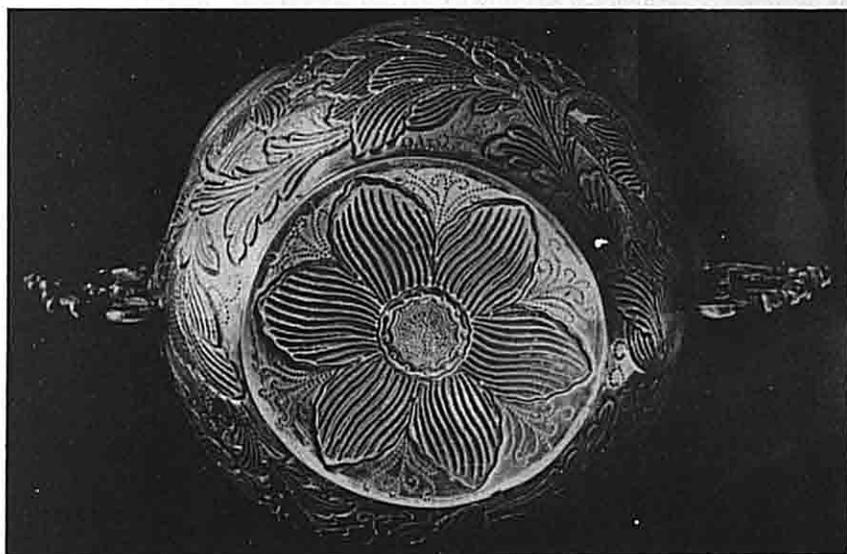


Fig. 2. Tamboladeira, prata repuxada, gravada com punção e fundida (asas). Começo do séc. XVIII, s/contr. Notar o fundo plano: 17 cm de diâmetro; 7,5 de altura, 345 gr e 1.200 cc de capacidade. Provável origem de Portugal. (Col. Roberto Lemos Monteiro).

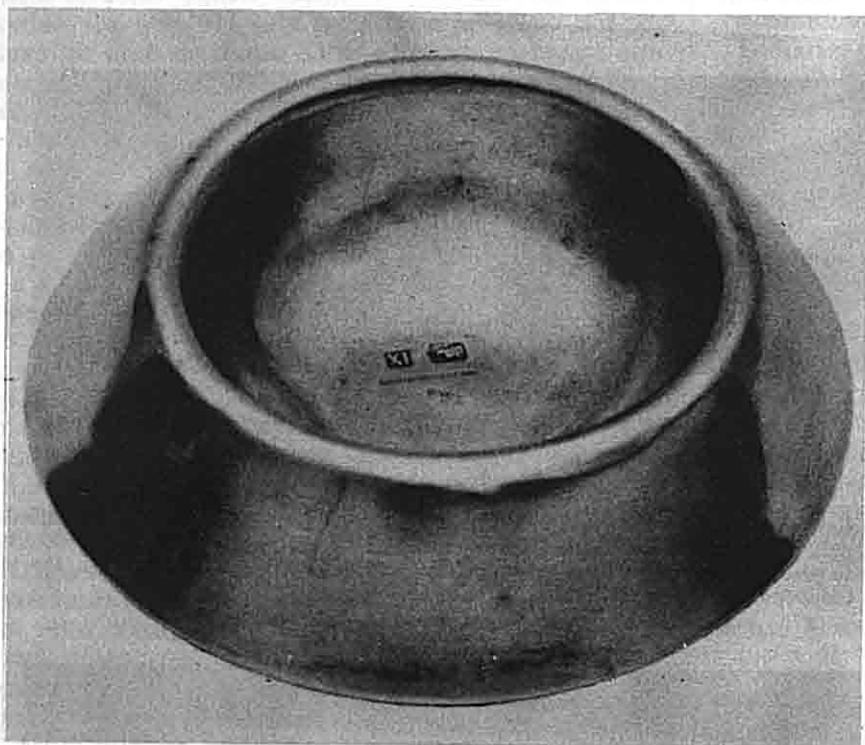


Fig. 3. "Próva Vinhos", prata repuxada, séc. XVIII, contraste do Porto, Port. Notar a saliência no centro. (Santos e Quilhó, ob. cit. fig. 216).

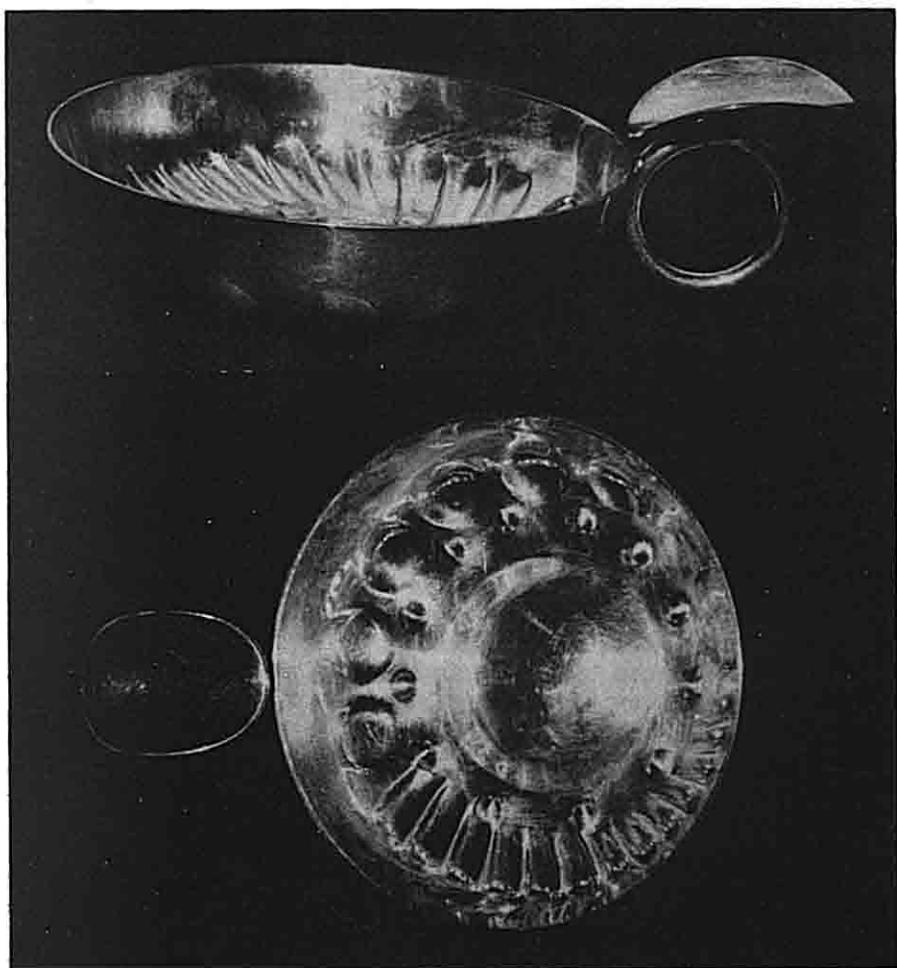


Fig. 4. *Tâte vin* (tamboladeira). Metal prateado, séc. XX, 7 cm de diametro e 50 gr de peso. Fotos de perfil e da face interna. Notar o fundo abaulado no centro e as saliências e reentrâncias cada uma com sua finalidade. (Propriedade de A.R. Duglio Castro).

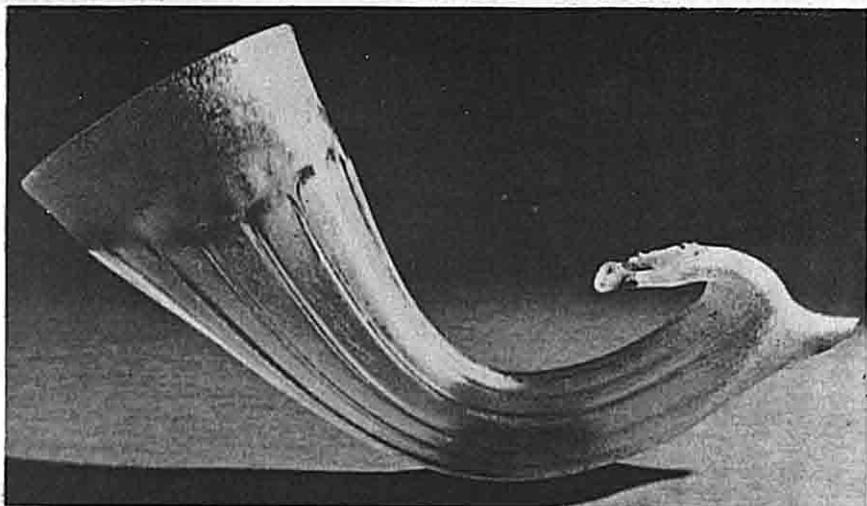


Fig. 5. Riton: peça de vidro do século I. Coleção Cinzano. ("Arte Hoje", ob. cit.).

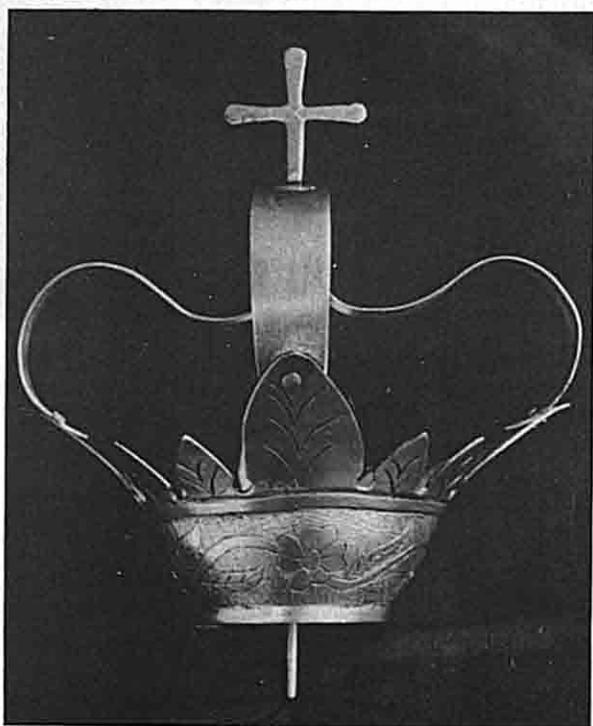


Fig. 6. Coroa de prata recortada e gravada, Séc. XIX, s/contr. Peso 47 gr, altura 9,5 cm. (Col. do A.).



Fig. 7. Farinheiras de prata repuxada. Séc. XVIII, s/contraste. Notar o requinte barroco. (Col. Roberto Lemos Monteiro).



Fig. 8. Guampa de prata repuxada e fundida. s/contr. Notar a longa corrente. Séc. XVIII. Pirapora, MG. (Col. do A.).